

INTERRELAÇÕES PESSOAIS DIVINIZADAS EM ALBERTO CAEIRO E JORGE AMADO

Ediliane Lopes Leite de Figueiredo¹

Resumo:

Assim como a literatura, a religião envolve, seduz, fascina e leva a reflexões sobre as ambivalências e ambiguidades da vida. Religião e literatura instigam a busca de respostas para inquietudes, mistérios, conflitos existenciais, e lançam teias discursivas na tentativa de elucidar tudo aquilo que transcende. As manifestações divinas são múltiplas e férteis na literatura, elas surgem através de símbolos, imagens, ritos, doutrinas, relato de experiência interna e intensa. Nesta singra, o presente artigo busca analisar a visão humano-divina do Menino Jesus no poema VIII da obra, o Guardador de rebanhos, de Alberto Caeiro, e no capítulo Deus sorri como um negrinho na obra, Capitães da Areia, de Jorge Amado.

Palavras-chave: Literatura. Teologia. Menino Jesus. Caeiro. Amado.

1 Introdução

A presença, o diálogo e diversas manifestações do sagrado em textos literários acontecem desde os mais remotos tempos. A teologia é fonte contemplativa não só do mistério divino, mas também do mistério antropológico. Embora a religião seja coexistente com a própria vida humana, ou seja, a história da humanidade se confunde com a história da religião, seu estudo crítico e sistemático é recente, e é ainda mais atual o estudo da religião na literatura ou da percepção literária nos estudos religiosos, métodos e tradições interpretativas só se desenvolveram na modernidade (MAGALHÃES; PORTELLA, 2008, p. 26). Foi também na contemporaneidade que a literatura deixou de ser vista sob o ponto de vista puramente estético e passou a ser estudada a partir de uma ótica ética e teológica.

A construção de valores, culturas e crenças surge a partir da convivência com as diferenças e dos questionamentos que esses pontos extremos suscitam. Não é de hoje que o homem procura respostas para saciar a curiosidade sobre a finalidade da vida. Essas inquietações fazem do homem um ser instigante, investigativo, revolucionário. Nesse *modus vivendi*, a religião quase sempre tem lugar demarcado, aparece como experiência fundante para saciar a curiosidade sobre questões, tanto de natureza terrena, quanto transcendentais.

A literatura tem interesse por tudo o que é humano, a teologia como forma de pensar a vida, a partir de experiência de transcendência, do signo de Deus, de demais símbolos, expressões e valores presentes na cultura, também tem um singular interesse pela realidade humana. Por isso, tanto o sentido teológico quanto o literário estão relacionados ao homem, que na incessante busca de encontrar respostas para as coisas intangíveis, através da apologia do ver e do prestígio de pensar, as transfigura, ou as mascara.

Por esta via, Barcelos (2000) entende que a teologia se apoia na literatura como linguagem da “condição humana”, resultando dessa parceria uma forma de resgate de tal condição, à medida que, ao se articular no plano sintático e semântico da literatura, a teologia readquire sua importância de significação a vida.

Partindo dessas considerações, é objetivo deste trabalho buscar pontos de intersecção entre a teopoética de Alberto Caeiro, no poema, O Menino Jesus, e as intervenções monológicas da

¹ Mestre em Literatura e Interculturalidade - UEPB

personagem Pirulito, na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Promovendo um diálogo intertextual sobre a representação da figura do Menino Jesus, é propósito buscar nos textos, encontros e desencontros do humano com o divino e, ao mesmo tempo, estabelecer uma relação dialógica, cujos preceitos podem ser entendidos, pela perspectiva do pensamento Bakhtiniano:

As relações dialógicas são um fenômeno muito mais amplo do que as meras réplicas de um diálogo, apresentadas composicionalmente no texto; são um fenômeno quase universal, a permear todo o discurso humano e todas as relações e manifestações da vida humana – em geral, tudo quanto tem sentido e significação. (BAKHTIN, apud MORSON, 2008, p.67).

Iniciaremos buscando uma visão teopoética, no poema *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, observando a relação do eu-lírico com o divino, que se traduz num modo de ser naturalmente humano. A teopoética surge como um fértil e imbricado diálogo entre a literatura e a teologia, é a expressão da arte humana, através do verbo, proporcionando novos olhares, nova forma de (re) pensar a relação Deus/homem, homem/Deus. Nesse sentido, Bingemer (2004) entende que, através da literatura, acentua a relação de alteridade e transcendência do existir, como componente antropológico inerente à identidade da mística cristã, em que o Deus da revelação cristã se revela a partir dessa proximidade e similitude com o profundamente humano, mostrando a sua diferença como “epifania maior sobre o sentido da vida”, na qual a fé em Deus é também fé no humano.

Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, poeta português, que possui uma rica, densa e intrigante faceta: o fenômeno da heteronímia. Como o próprio autor afirma, atingindo o mais elevado grau da escala poética, teremos um poeta que seja vários poetas. Criei em mim várias personalidades (NICOLA; INFANTE, 1995, p. 20). O poeta lusitano imprimiu uma biografia, características físicas, traços de personalidade, formação cultural, profissão e ideologia aos seus heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

O heterônimo pessoano, Alberto Caeiro, autor do poema objeto de análise deste artigo, nasceu em Lisboa, em 1889, e faleceu em 1915. Caeiro era descrito pelo seu criador como autodidata, antifilosófico, solitário e neutro, contrário ao misticismo. Camponês, desprovido de erudição, importava-se somente em viver de forma objetiva e natural. Na obra poética de Caeiro, *O Guardador de Rebanhos*, formada pelo agrupamento de quarenta e nove poemas, está inserto *O Menino Jesus* – o VIII poema. Publicado na revista “Presença”, em 1931, esta produção é considerada a mais polêmica de todo o livro, por tocar em matérias fundadoras da religião cristã. O poema questiona a Santíssima Trindade: Pai (Deus), Filho (Jesus) e Espírito Santo.

À primeira leitura, Caeiro parece ser um poeta ateu, no entanto, segundo Ferreira, isso não se confirma:

Afirmar que não acredita em Deus, não é para Caeiro, uma confissão de ateísmo. Ao contrário, o Deus que ele rejeita é o Deus pequeno e limitado que as religiões têm apresentado aos homens, aquele Deus que habita em templo feito por mão de homem. Caeiro poderia, se o quisesse, encontrar Deus nas coisas da natureza e então não o chamaria de Deus, chamá-lo-ia simplesmente de flores e árvores e montes de sol e luar. (FERREIRA, 1989, p. 34-35).

Consubstanciando as palavras de Ferreira, como veremos mais adiante, a poética caeiriana não é atesta, uma vez que ele não nega a existência divina, e sim a relaciona à Criança nova ao Menino que fugiu do céu e que habita dentro dele. Por esta via, delinea-se a epifania, a manifestação do sagrado, presente através da figura do Menino, que contempla e aproveita os elementos presentes na natureza, universo real do poeta bucólico.

A descrição do Menino Jesus, destituída de santidade, desprovida de divindade abstrata, espiritual, deve ter chocado a comunidade cristã nos anos 30, visto que ainda hoje provoca uma certa aversão aos grupos religiosos ortodoxos, fundamentalistas. No entanto, aqui no Brasil, este clássico poema da literatura portuguesa, tornou-se ainda mais conhecido do público e cativou as novas gerações, após ter sido gravado pela cantora baiana, Maria Bethânia, no DVD *Maricotinha*, em 2002. Na época, a crítica foi extremamente receptiva à iniciativa da cantora: Bethânia vai levar

para o DVD uma das marcas registradas de seus shows: as poesias. Na turnê "Maricotinha", Bethânia pontua as canções com versos de alguns poetas, como o português Fernando Pessoa, um de seus preferidos (FERREIRA, Reuters, 2002).

Vejam os principais versos em que o poeta relaciona a imagem do Menino Santo, para os cristãos, com a natureza, com algo pertencente ao mundo físico:

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia
Vi Jesus Cristo descer a terra,
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu...
... Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.

Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz no braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

...Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.
E a criança tão humana que é divina...

Como fica evidente, para o poeta, Jesus Cristo tem de ser uma criança bonita de riso e natural. Cristo visto como uma criança normal, espontânea, levada, brincalhona e alegre. A religiosidade consiste nessas características, ou seja, a sacralização da inocência, perpassada pelo contato com a natureza viva. O Menino do poeta não é uma divindade abstrata, um ser inacessível, mas uma figura humana/divina que ele pode não só tocar, mas também sentir, através de outras manifestações sensoriais.

O Menino Santo, retratado no texto, não é o mesmo dos teólogos, nem o descrito de forma dogmática nos textos bíblicos, mas sim o Menino humano-divino, aquele cuja infância é suprimida pela história bíblica. É importante considerar que a concepção e o nascimento de Jesus são relatados de maneira pormenorizada, nos textos bíblicos, mas há um lapso temporal omissivo e inexplicável entre o nascimento em Belém (Lc, 2:1-7) e a aparição de Jesus adulto, aos 30 anos, quando é batizado por João Baptista no rio Jordão (Mt, 3:15). O poeta inspirado em tudo o que o rodeia,

trouxe a terra, através de um sonho, O Menino à sua imagem e semelhança.

Ao contrário de Caeiro, considerado pagão, por negar dogmas cristãos em sua produção poética, e não resvalar adesão ao misticismo, nas obras de Jorge Amado é bastante acentuado o sincretismo religioso, uma prática de diálogos teológicos democráticos, uma pluralidade divina. Este diálogo entre as amistosas manifestações religiosas que se presentifica no estilo do escritor baiano é muito instigante e, há muito tempo, este viés vem fomentando a crítica literária sobre o hibridismo religioso no Brasil.

Em *Capitães da Areia* (1937), Amado mostra preocupação com a discriminação, marginalidade, prostituição, miséria, pobreza, abandono. No entanto, em meio a um discurso político denunciatório, realista/socialista, é marcante na narrativa a apologia ao sincretismo religioso. Neste contexto, Manzatto (1994, p. 278) entende que, à luz da antropologia e sociologia, o sincretismo, especialmente o religioso, indica uma riqueza humana que não pode ser desprezada, mas, ao contrário, deve ser valorizada. O “sincrético” é mais rico que o “puro” e por isso lhe é preferível.

Neste caldeirão sincrético, estilo amadiano, ainda segundo Manzatto (1994, p. 228), os pobres são os principais personagens, a vida do povo pobre e simples é recriada por ele. Essa característica da obra de Amado liga-se com a teologia que quer refletir a fé também a partir dos pobres e, mais que isso, liga-se com o Deus que se manifesta nos pobres e que quer libertá-los. No entanto, especialmente, em *Capitães da Areia*, as híbridas manifestações religiosas levam-nos a refletir, através dos discursos dos seus líderes e da consciência do representante do grupo dos capitães que se, por um lado, a fé pode ser usada como instrumento de coragem e lutas, por outro, pode se constituir em um perigoso suporte de manipulação a serviço da resignação e do conformismo:

Pedro Bala sentiu uma onda dentro de si. Os pobres não tinham nada. O padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro Bala não achava justiça naquilo. No reino do céu seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado. (AMADO, 2001, p.87).

Na obra, os meninos-personagens são marginalizados, esquecidos, oprimidos socialmente e veem nas figuras do padre José Pedro e da mãe-de-santo Don’Aninha, representantes da fé religiosa da comunidade do Trapiche, a força, o equilíbrio e um caminho aberto para a “salvação” do grupo. Dentre eles, um, em especial, se destaca pelo partidarismo religioso: Pirulito - o negrinho-beato, que apesar de fazer parte do grupo dos Capitães da Areia e viver praticando os mesmos atos ilícitos dos companheiros, mostra-se adepto ao catolicismo. É o discípulo do padre José Pedro, o único que levava a sério a religião, estava sempre rezando, na ânsia de se proteger e proteger os amigos que viviam cometendo atos delinquentes.

Deus sorri com um negrinho é o capítulo da narrativa amadiana dedicado inteiramente a Pirulito, o menino religioso, que em uma de suas andanças pelas ruas de Salvador, mergulhado nos ensinamentos do padre José Pedro, refletindo sobre a fé, céu, inferno, pecado, desejo, injustiças, temor amor, e a bondade de Deus.... De repente, se depara com a imagem da Conceição com o Menino Jesus nos braços, na vitrine de uma loja, e fica inerte a contemplá-la. Até que, num súbito impulso de piedade, face à fragilidade e vulnerabilidade do Menino, Pirulito usa seus “prendados artifícios” para levar o “indefeso” Menino Jesus da Mãe Maria: O MENINO ERA UMA TENTAÇÃO POR DEMAIS GRANDE.

Pirulito, o negrinho de Amado, sagrado e profano, que sorri como Deus, assim como e eu-lírico de Caeiro, vê na imagem do Menino Jesus, simplesmente um menino, cuja doçura e infantilidade o distanciam muito da responsabilidade de pregador, está muito longe de chamar pelo Pai na cruz, é uma criança ainda distante da malícia do mundo adulto. Ele é o divino que sorri e que brinca. \ Deus criança nu e pobre, pobre como Pirulito. No entanto, enquanto o Menino em Caeiro foge do céu, porque não queria estar sempre sério; é traquinas, bate asas, aproveita o espetáculo da natureza; o Menino em Amado, na imobilidade milenária, continua preso nos braços da Virgem

Mãe. Com frio, com sede: Até a cara de choro tem o Menino, magro e pobre, nos braços da Virgem... Lá fora o dia é lindo, o sol é brando, as flores desabroçam. Só o Menino tem fome e frio neste dia.

Em Caeiro, Jesus fugiu do céu, caiu da Santíssima Trindade, porque lá tudo era falso\ em desacordo com as flores\ não podia ser sincero\ tinha de ser sério. Em Amado, O Menino é “libertado” dos braços da Virgem porque, segundo a leitura de Pirulito, não era justo: Ele ali preso, na prateleira da loja de uma só porta, magro e pobre nos braços da Virgem, naquele lindo dia de sol brando e flores desabrochando, o que denota também um desacordo. Livrado da sua santidade, Jesus, em Caeiro, é uma criança bonita de riso natural, faz tudo o que uma criança normal de aldeia faz – Limpa o nariz no braço direito\ Colhe as flores e gosta delas e esquece-as\ Atira pedras nos burros. O Menino Jesus, em Amado, após ser retirado dos braços da Virgem, sorri\ não tem mais fome nem sede nem frio. Destituída a Santíssima Trindade, Caeiro apropria-se de Jesus e pensa: Ele é o deus que faltava\ Ele é o humano que é natural\ Ele é o divino que sorri e brinca.

Para o poeta português, o Menino humano-divino está abrigado dentro dele como inspiração, como revelação: A mim ensinou-me tudo\ Ele é o Menino Jesus verdadeiro\ E a criança tão humana que é divina\ É esta minha quotidiana vida de poeta\ E é porque ele anda sempre comigo que eu sou sempre poeta\ Ele dorme dentro da minha alma. É nesta “criança nova” que o poeta traz pela mão, que tudo lhe ensina, de quem ele cuida com tamanha abnegação, que reside a sua crença. Por isso, ele lhe conta histórias e a alimenta na ânsia de salvar a si próprio.

O Menino que se revela a Pirulito está preso, é magro, pobre, triste e feio. Antagônico ao Menino naturalmente revelado por Caeiro, precisa de proteção e de ensinamentos, não está solto nos pântanos, nem vive por entre as flores, vive faminto, precisa de alguém que o abrigue. Ele não desceu do céu num sonho, ele está ali diante de todos. Mas só Pirulito, foi capaz de associá-lo a ele próprio e aos demais meninos de colo, fracos, pobres que são abandonados: O menino das imagens é sempre gordo, um ar de menino rico, um Deus rico. Ali é um Deus Pobre, um menino pobre, mesmo igual a Pirulito, ainda mais igual àqueles mais novos do grupo, exatamente igual a um de colo, de poucos meses de idade, que ficou abandonado na rua...

A imagem do Menino revelada a Pirulito, opõe-se àquela que, normalmente, adorna os altares das igrejas: o Menino forte e robusto nos braços da Mãe. No entanto, comunga com o discurso religioso cristão, tantas vezes ouvido por Pirulito e pelos companheiros capitães, de que Jesus ama mais os pobres, porque é igual a eles. Talvez, seja esta a razão da comoção e da associação feita pelo menino de Amado, o fato de se reconhecer na gélida e esquecida imagem do Menino nu, carente e desprotegido, igual a ele, quando chegou ao Trapiche. Ele vê no Menino solto nos braços da Virgem o próprio retrato, configura-se ali a sua imagem e semelhança. E neste instante, num repentino deslize - mesmo temendo o fogo do inferno e o castigo de Deus - desobedece mais uma vez ao mandamento divino e, certo de que é pela mais nobre das causas, “leva” o Menino consigo para protegê-lo, numa total inversão de papéis, segundo preceitos cristãos. Ao encostá-lo no peito, ele resgata da mente a imagem de um bebê, com fome e com frio, que um dia foi acolhido. O Menino sorri, não tem mais fome nem sede nem frio. Sorri o Menino como sorria o negrinho de poucos meses quando se encontrou no Trapiche.

Conclusão

Segundo Caeiro, a verdadeira história do Menino Jesus é a versão contada por ele e não a que vem sendo contada, milenarmente, de forma clássica pelos religiosos e filósofos. Esta é a verdadeira história do Menino Jesus\ Por que razão que se perceba\ Não há de ser ela mais verdadeira\ Que tudo quanto os filósofos pensam\ E tudo quanto as religiões ensinam? Talvez seja pelo fato de que na versão teológica cristã, Jesus tem a missão de salvar a humanidade e o Menino Jesus de Caeiro só poderá salvar a ele próprio. Por isso, ele o alimenta e vê o Menino como o modelo para toda sua crença: o humano é divino\ o divino é humano. Em Amado, o Menino-de-Deus também pertence ao capitão Pirulito, mora dentro dele, confunde-se com ele. Sem tutela, sem

abrigo, sem pão... As circunstâncias existenciais levaram-no a acreditar que salvando a imagem do Menino, ele estaria salvando a si próprio.

Através da literatura, podemos encontrar Jesus de diversas formas. Essas recriações e redefinições da imagem de Cristo são possíveis graças à sensibilidade dos literatos. A história de Jesus tantas vezes parafraseada, parodiada, faz com que ele esteja sempre em evidência, além do mais (re) contada pelo viés da arte ela se torna mais envolvente. Jesus dos literatos não é o mesmo Jesus dos teólogos, o literato usufrui de uma liberdade que muitos teólogos desconhecem (CAMORLINGA, 2008, p.152). Por esse olhar, o Debezies (1997, p.519) delinea: a literatura “autoriza a projetar no personagem, liberado dos limites impostos pela fé, todos os sonhos, todas as obsessões, todos os valores e todas as experiências.”

Por isso, o poeta e o menino, o menino e o poeta, personagens sensíveis e intrigantes, cada um, à sua maneira, se reconheceu à imagem e semelhança do Menino Jesus. A máxima bíblica preceitua: Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, o poeta e o menino descobriram a porção humano-divina que habita neles. Considerando Jesus Verbo encarnado - epifania definitiva do projeto de Deus para o homem - somos epifania de Jesus. Resta-nos, portanto, assim como o menino e o poeta encontrarmos o Menino Jesus que existe em cada um de nós.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 104. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARCELOS, José Carlos. **Literatura e Teologia: perspectivas teórico- metodológicas no pensamento católico contemporâneo** In Numen: Revista de Estudos e pesquisas da Religião. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v.3 n.2, p. 9-30, 2000.

BÍBLIA, Sagrada. 2.ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana. (org) **Murilo, Cecília e Drummond – 100 anos com Deus na poesia brasileira**. São Paulo: Loyola, 2004.

CAMORLINGA, Rafael. **O cristo da Fé: Fé teológica X Fé Poética**. In FERRAZ, Salma. MAGALHÃES, Antônio. CONCEIÇÃO, Douglas. BRANDÃO, Eli e TENÓRIO, Waldecy (org.). Deuses em Poéticas: Estudos de literatura e Teologia. Campina Grande: EDUEP, 2008.

DEBEZIES, André. **Jesus Cristo na Literatura**. In: BRUNEL, Pierre (org.). Dicionários de mitos literários. Trad. Carlos Sussekind, Rio de Janeiro: Editora UnB – José Olympio, 1997.

FERREIA, Luiz André, especial para Reuters. 2002. Disponível em:
<<http://www.diamanteverdadeiro.hpg.ig.com.br/notas.html>> Acesso em 28 jan. 2010.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **A anti-poesia de Alberto Caeiro: uma leitura de O Guardador de Rebanhos**. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 1989.

MAGALHÃES, Antonio. PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do Sagrado: Reflexões sobre o Fenômeno Religioso**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

MANZATTO, Antônio. Teologia e Literatura – **Reflexão Teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge amado**. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

MORSON, Gary Saul. EMERSON, Caryl. Mikhail Bakhtin: **Criação de uma prosaística**. São

Paulo: EDUSP, 2008.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Fernando Pessoa: Coleção Margens do Texto**. São Paulo: Scipione, 1995.

PESSOA, Fernando. **Ficções do Interlúdio\1: Poemas Completos de Alberto Caeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.